

crepa sequer o valor de uma semifasa do rythmo que deve seguir na execução. Aquella concentração, tão rara de encontrar-se em uma idade como a delle, e a exactidão com que, toca, levam-me a crer piamente que será o nosso Mozart».

* * *

Alexandre Levy nasceu em S. Paulo, a 10 de Novembro de 1864, do consorcio do commerciante francez sr. Henrique Luiz Levy, com a exma. sra. d. Laurette Levy, natural da Suissa.

Depois de apprender os primeiros rudimentos de musica com seu irmão Luiz Levy, iniciou, em 1876, os seus estudos com o professor Luiz Mauricio, continuando-os mais tarde com o professor Gabriel Giraudon, antigo mestre de Henrique Oswald e o primeiro que ensinou a notavel pianista patric a Ant. nieta Rudge Miller, que hoje constitua uma das maiores glorias da escola Chiaffarelli.

Mas, uma natureza tão rica e fecunda não se podia limitar ao «virtuosismo». Alexandre sentia necessidade de erguer o vôo a regiões mais dilatadas. E em 1883, começou a estudar harmonia com o professor Jorge Von Madeweiss, aperfeiçoando-os mais tarde, em 1885, com o professor Gustavo Wertheimer.

Os seus progressos foram taes, que o mestre em pouco tempo declarou terminada a sua tarefa, aconselhando o discipulo a seguir para a Europa.

A esse, tempo, Alexandre já se dedicava sériamente ao estudo dos grandes mestres classicos e romanticos, cujas obras perlustrava com acrisolada devoção.

Em 1885 collocou-se resolutamente á frente de um grupo de artistas e amadores e fundou o Club Haydn, sociedade que contribuiu poderosamente para a educação do gosto musical da geração coeva.

Esse club realisou muitos concertos de musica de camera, dois dos quaes na occasião em que aqui esteve d. Pedro II e em presença de Sua Magestade. Alexandre era o organizador e director dos concertos, nos quaes teve ensejo de reger as operas «Martha» e «Alexandre Stradella», cantadas por um disciplinado grupo de allemães. (*)

Foi para reger a «Symphonia» em «ré maior» de Haydn, que empunhou pela primeira vez a batuta. Regeu tambem a «ouverture» de «Ruy Blas», de Mendelssohn; algumas symphonias de Beehoven; «Air de ballet», n. 2, das «Scenas pittorescas», de Massenet, o «Concerto em sol menor», de Mendelssohn, executado ao piano por Luiz Levy, com acompanhamento de orchestra.

A 3 de janeiro de 1887, exhibiu-se como pianista no ultimo concerto realisado pelo Club Haydn, fechando o pro-

(*) Dirigido pelo sr. H. Stupakoff.

gramma como a «Polonai e», op. 22, de Chopin, com acompanhamento de cordas.

A mãe de Alexandre não queria que elle se fizesse artista profissional. Estando, porém, um dia a jantar em companhia de pessoas da intimidade, foi muito sollicitada para permittir que seu filho fosse continuar os estudos na Europa. Vencidas as suas reluctancias, a distincta senhora consentiu na partida, não para estudos, mas apenas para um passeio. O rapaz deu pulos de contentamento, e, antes, que a sua progenitora se arrependesse, tratou de preparar as malas. Obteve na mesma noite o passaporte e pouco depois deixava S. Paulo.

Isto se passava em 1887.

Como estivesse em férias o Conservatorio de Paris, não se pôde matricular logo após a sua chegada. Tomou como professor de harmonia e contraponto Emilio Durand, que lhe consagrou especial apreço. Aprendeu depois com o professor Vicente Ferroni, a quem teve de deixar por ter sido esse mestre nomeado para o Conservatorio de Milão, em substituição a Ponchielli, que acabava de fallecer.

Durante a sua permanencia em Paris, teve ensejo de exhibir-se em presença de D. Pedro II, em uma recepção realisada em homenagem ao grande monarcha braz leiro.

Frequentou os concertos de Lamoureux e Colonne e assistiu ás melhores representações da «Grand Opera», onde ouviu o «D. Juan», de Mozart, regido por Gounod, durante as festas promovidas para commemorar o centenario do mestre de Sabsburg.

Possuia, porém, uma alma muito affectiva. As saudades dos paes e da Patria distante trouxeram-lhe tal tristeza, envolveram-n'o em tão profunda nostalgia, que, aconselhado pelos medicos, teve de abandonar a capital franceza, regressando ao Brazil em novembro de 1887.

Os suissos empunhados ao serviço dos francezes desertavam das fileiras militares, quando ouviam as canções que lhes despertavam recordações dos montes escarpados da alcantilada Helvetia. Alexandre Levy, segundo elle proprio o declarou aos intimos, sentiu-se invadido pela saudade dos seus, quando na grande capital do Mundo, acariciando o teclado, evocava a canção popular brasileira — «Vem cá, Bitú».

Extraordinario capricho de psychologia! Aquella singela melodia trazia-lhe ao espirito tão vivas impressões, que o artista vertia lagrimas quando a recordava em Paris! Alexandre escreveu sobre o «Bitú» deliciosas variações, impregnadas de suavissimos queixumes.

Recordando o *Bitú* talvez invicasse alguma visão sonhadora e murmurasse, como Chopin, repetindo os versos de Scunet:

«Je t'aime

Semida et mon cœur vcle vers ton image

Tantôt comme un encens, tantôt comme un orage...»

Alexandre continuou em S. Paulo os seus estudos. Passava horas e horas a analysar as obras dos mestres classicos e romanticos que mais despertavam o seu enthusiasmo e aos quaes ainda mais se afeiçoára depois das audições dos concertos de Colonne e Lamoureux.

De novembro de 1887 até 1890, compoz muitas obras de valor. Acabada a primeira febre de compor e tendo já estudado os classicos e romanticos antigos, começou a interessar-se pela revolução operada no drama musical pelo genio extraordinario de Ricardo Wagner, cujas partituras queria penetrar, cujos segredos procurava desvendar em longas horas de torturada vigilia.

Mas, antes que o artista pudesse distender amplamente as azas num vôo largo e dilatado ás regiões azues da arte que abraçára com todo o fervor da sua alma apaixonada, a morte veio surprehendel-o, colhendo-o em plena juventude no seu negro momento de exterminio. Alexandre exhalou o ultimo suspiro a 17 de janeiro de 1892, quando contava apenas 27 annos de idade. Não teve agonia. A sua vida extinguiu-se brandamente, com a serenidade dos ultimos accordes de um nocturno de Chopin..

Morreu na Chacara Levy, á rua Vergueiro, na occasião em que jantava em companhia da familia. Levava a primeira colher de sopa á bocca, quando se deteve e apenas pôde dizer: — «*Estou tonto*». Foram essas as suas ultimas palavras. Pendeu a cabeça e succumbiu ao peso de uma apoplexia fulminante.

A prematura morte do symphonista da «COMALA» produziu dolorosa impressão em S. Paulo, principalmente entre os artistas e intellectuaes, que o conheciam intimamente e comprehendiam o valor de tão bello talento musical.

No auge da dôr produzida pelo brusco desaparecimento do filho querido, ceifado em pleno vigor dos annos pela morte implacavel, o velho e saudoso Henrique Levy dirigiu uma sentida carta a Cardoso de Menezes, que a inseriu em uma chronica estampada em o numero 2 da «GAZETA MUSICAL», revista que se publicava em S. Paulo sob a direcção de Alfredo Fertin Vasconcelles e da qual era Ignacio Porto Alegre o principal redactor.

Eis os termos dessa carta:

«Como velho amigo, devo referir-me ao triste momento em que nos foi inopinadamente arrancado aquelle que formava o objecto de minhas mais caras esperanças, fatalmente convertidas, hoje, pelo destino, em puras illusões. No Domingo, 17 proximo passado, como de costume, estivamos jantando, reunida a familia, na residencia da nossa chacara. Alexandre, que não estava doente e que de nenhum incommodo se queixára até o fatal momento; que estivera até onze horas do dia em reunião de amigos, na cidade; que palestrára, de volta á chacara, com o seu humor habitual,

sentou-se á mesa, tomou um prato de sôpa e logo em seguida um copo de vinho, para continuar a jantar.

«De repente, diz: — Estou tonto!...

«Fixou os olhos no prato, com as duas mãos encostadas á testa, foi cahindo nos nossos braços e não deu mais signal de vida!

«Ah! meu amigo, que terrivel momento! que terrivel choque! Eu, quasi louco, abraçando o nosso pobre Alexandre morto!...

«Imagine o resto, meu amigo...

«Foi-se com o pobre rapaz uma parte do meu coração; todo o meu orgulho se abateu desde aquelle momento, e vai-se do meu espirito dissipando em troca o sentimento amargo de nossa nihilidade!»

O «ESTADO DE S. PAULO» publicou, em seu numero de 19 de Janeiro de 1892, um necrologio, do qual extrahimos estes trechos:

«Além de pianista, Alexandre Levy distinguia-se altamente como compositor. Era um talento natural e facil, bem orientado por uma bôa educação de arte. Deixa numerosas composições, inéditas e impressas, de entre as quaes citaremos as seguintes, todas muito bem recebidas pelo publico: «CAPRICE», «TROIS IMPROVISATIONS», «VALSE-CAPRICE», «PREMIÈRE MAZURKA», «DEUXIÈME MAZURKA», «TANGO BRASILEIRO», todas para piano, e um «SAMBA», caracteristico, para orchestra, que ha cerca de um anno foi executado com grande successo no Rio de Janeiro, em uma das MARTINÉES dirigidas pelo maestro Carlos de Mesquita. Em todas essas composições admiravam os entendidos a notavel correcção, profundeza de sentimento, gosto e arte com que eram escriptas, todas as qualidades enfim que constituem um artista de raça e de talento. Alexandre Levy era em São Paulo a auctoridade procurada e ouvida por todos os artistas, tanto nacionaes como estrangeiros.

«O que ha de mais fino e de mais competente entre os notaveis musicos brasileiros — todos o procuravam e com elle entretenham relações. Ha muito tempo que era em S. Paulo o indefesso propagador de Beethoven, Haydn, Mozart, Mendelssohn e todos os grandes luminares da musica classica. Por isso talvez as suas bellas composições, mesmo as mais simples e de assumpto nacional, eram repassadas desse sabor classico.»

O «CORREIO PAULISTANO» em cujas columnas Alexandre exerceu a critica musical, com o pseudonymo de FIGAROTE, publicou um sentido artigo, do qual destacamos os peridos seguintes:

«Alexandre Levy gozava em S. Paulo, no Rio e no estrangeiro de uma solida reputação artistica, conquistada pelo seu esforço extraordinario, talento, vocação e aturado estudo.

«Aqui em S. Paulo, no meio artistico, fino, selecto, do qual elle era a alma, o impulso, o estimulo, todos sabem a lacuna sens bilissima e a profunda magua que a sua perda vem causar.

«Temperamento artistico do mais fino quilate, o malogrado moço tinha comsigo a suprema qualidade da vocação natural, do esforço proprio, da educação musical feita e cultivada no remanso e na concentração do seu espirito de artista, sem cuho de um systema ou de uma escola.

«Como artista, como critico musical, Alexandre Levy deixa inolvidavel saudade no circulo dos seus admiradores.

«Aqui, nas columnas desta folha, fica uma preciosa colleção de artigos seus, de critica musical, que são valioso attestado da sua competencia incontestavel.

«Era em S. Paulo o apoio effectivo de todos os artistas que aqui vinham em excursão; nelle residia o mais decidido estimulo pelos assumptos de arte musical.

«E, na sua capacidade de artista de grande mérito, notava-se o afincio pelo estudo, o cultivo sério da arte que idolatrava.»

O maestro Assis Pacheco, auctor do lib eto da «COMALA», publicou no mesmo jornal, a 23 de Janeiro de 1892, um interessante artigo, do qual transcrevemos os seguintes topicos:

«Morreu um dos mais completos artistas musicos do Brasil.

«Passo na zafama do trabalho diurno pela rua do Ouvidor e ouço, num momento, uma phrase que me é como o estampido secco de um raio, em pleno Sol, em pleno azul...

«Morreu Alexandre Levy!

«E não hesito em repetil-o: um dos mais completos artistas brasileiros. Conheci-o ha muito tempo. Poucos, certamente, como elle possuem uma tão rica, tão vasta e sobretudo tão séria e criteriosa bibliotheca musical. As mais notaveis partituras de symphonias, poemas synphonicos, quartetos, trios, operas, etc., — representantes de diversas edades e escolas de musica eram a sua leitura diaria, o manancial do seu goso esquisito de extraordinario, de finissimo artista...

«Ha dois ou tres annos, mais ou menos, Alexandre Levy recebêra da Allemanha as obras completas de Wagner, até então lidas e relidas em reduções de piano, numas partituras authenticas de grande orchestra. Foi um dia feliz aquelle para o seu talento; e, quando eu entrei no estabelecimento musical do seu pae, Alexandre veio para mim, trazendo enormes volumes erguidos ao alto, na expansão ruidosa de uma alegria triumphal.

— Pesam! — disse eu sopesando os volumes.

— Trazem peso de ouro massiço!

«Era accentuadamente, caracteristicamente symphonista, e deixa para prova dessa asserção uma grande symphonia completa; com a rija severidade dos moldes da arte, com a correção e nitidez das regras fundamentaes da harmonia moderna, e principalmente com a bizarria aristocratica do seu estylo novo, já pessoal, já conquistado á sua enorme e variadissima erudicção literario — musical.»

Referindo-se á morte de Alexandre Levy, Carlos Gomes escreveu as seguintes palavras, que vivamente traduzem a admiração do glorioso autor do GUARANY, pelo musico patricio:

«Alma ardente de artista genial, desapareceste tão cedo, vestindo assim de profundo luto a arte nacional! Mas o teu espirito, com a velocidade do pensamento, foi collocar-se entre as pleiades celestes no Pantheon dos astros de primeira grandeza. E de lá o raio da tua luz desce até nós, illuminando a palavra sincera gravada em todos os corações: SAUDADE.»

O finissimo e inditoso compositor Leopoldo Miguez assim se exprimiu:

«Morreu Alexandre Levy, um talento musical asombroso, extraordinario, talvez o maior dos poetas musicos brasileiros! O que a patria acaba de perder mal sabe, infelizmente, a massa geral do povo, tão descuidada na apreciação dos verdadeiros artistas, tão retardataria em fazer justiça aos maiores, aos mais purcs engenhos!»

Possuimos uma carta de Marcel Hervegh, (*) notavel violinista e um dos amigos intimos de Wagner, na qual se lêem as seguintes linhas em relação á morte de Alexandre Levy:

«Le Brésil a perdu son meilleur musicien, un homme et un artiste d'une noblesse de caractère exceptionnelle.»

Não se limitou a essa expressão a homenagem de Hervegh. Foi além. Estando em Paris ao tempo da morte de Alexandre Levy, mandou buscar em S. Paulo as suas composições e fez executal-as em varios concertos alli realizados em 1892 e 1893.

* * *

Muitas são as composições deixadas pelo musico paulista. Um dos seus primeiros trabalhos foi a fantasia para dois pianos sobre motivos do GUARANY, dedicada a Carlos Gomes, que a mandou editar em Milão.

De 1879 a 1882 escreveu, além dessa phantasia, as seguintes peças: IMPROMPTU-CAPRICE; VALSE-CAPRICE; MAZURKAS, Ns. 1 e 2; TARANTELLA para piano a quatro mãos, deixando ainda por editar o DEUXIÈME-IMPROMPTU.

(*) Marcel Hervegh realizou diversos concertos em S. Paulo, no mez de Setembro de 1890. Era de nacionalidade suissa, filho do poeta Jorge Hervegh e discipulo de E. Singer.

A 5 de Maio de 1883 fez ouvir uma composição de maior responsabilidade, em um concerto aqui realizado pelo violinista Vicente Cernicchiaro. Foi o TRIO EM SI BEMOL, que lembra o estylo de Beethoven.

Elaborou depois um arranjo para piano a quatro mãos, sobre a DANSE DE SYLPHES, de Kullac, no qual fazia successo todas as vezes que o tocava com o seu irmão Luiz.

Produziu em 1885 o seu primeiro quartetto de cordas e dedicou-o a Leopoldo Miguez, a quem muito se afeiçoára.

Em 1886 compôz a SYMPHONIA EM MI, dividida em quatro partes, fazendo della varios arranjos para piano a quatro mãos.

Apresentou em 1887 a interessante collecção -- DOUTE, AMOUR PASSÉ, e COEUR BLESSÉ.

Em 1888 dedicou-se quasi exclusivamente ao genero symphonico, em que deixou paginas de subido valor.

Compôz em 1889 uma REVERIE para quartetto de cordas e uma CANTATA para orchestra e vozes, ambas escriptas especialmente para uma sessão funebre realizada em homenagem ao imperador Guilherme, que acabava de fallecer na Allemanha

Produziu em Abril de 1890 o TANGO BRASILEIRO, finalmente acabado e de rythmo muito caracteristico. Compôz no mesmo anno duas das suas obras mais notaveis: o poema symphonico COMALA e a SUITE BRÉSILIENNE, para orchestra e dividida nas seguintes partes: PRELUDIO, DANÇA RUSTICA, CANÇÃO TRISTE, A' BEIRA DO REGATO e SAMBA.

O SAMBA é a unica parte da SUITE BRÉSILIENNE conhecida em S. Paulo, onde tem sido executada pela banda da Força Publica, sob a regencia do maestro Antão Fernandes.

Que assumpto haverá mais simples e mais trivial que um samba de pretos em uma fazenda? No entanto, tratado por Alexandre Levy, assume um aspecto verdadeiramente esthetico.

O autor soube comprehender admiravelmente a psychologia daquellas miseras creaturas cuja vida era uma cruenta jornada de espinhos. Ouvem-se no SAMBA gritos de angustia ao lado de danças alegres e selvagens, e, de espaço a espaço, cantos tristes e mysteriosos, como que evocando a imagem de tranquillos sonhos alcandorados, esvaidos na mansidão das selvas africanas, incendiados pelo fulgor das alverçadas tropicaes.

Em 20 de Julho de 1890, foi executado, no Rio de Janeiro, com a presença do marechal Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, o quinto programma da série de concertos populares organizados pelo maestro Carlos de Mesquita

Figurava nessa brilhante festa de arte o SAMBA, de Alexandre Levy, trazendo o respectivo programma estas linhas explicativas:

«Sobre o seguinte assumpto de Julio Ribeiro inspirou-se o joven maestro nacional.

.....

«Ao som de instrumentos grosseiros dançavam.

«Negros e negras, formados em vasto circulo, agitavam-se, palmeavam, compassadamente, rufavam adufes aqui e alli.

«Um figurante, no meio, saltava, volteava, baixava se, erguia-se, retorcia os braços, contorcía o pescoço, rebolia os quadris, sapateava em um phrenesi indescriptivel, com uma tal prodigalidade de movimentos, com um tal desperdicio de acção nervosa e muscular que teria estafado um homem branco em menos de cinco minutos.

«E cantava

«E a turba repetia em côro: Eh! pomba eh!»

O SAMBA obteve estrondoso successo no Rio de Janeiro. O JORNAL DO COMMERCIO publicou, em seu numero de 21 de Julho de 1890, as seguintes impressões de Rodrigues Barbosa, seu auctorizado critico musical:

«O auctor do SAMBA é um musico de muito talento e estabelecido na cidade de S. Paulo. O thema ou antes os themas escolhidos para uma peça que tem por titulo o SAMBA deviam ser por demais chulos, e toda a difficuldade estava em tornar digno e aceitavel um genero de musica que, despido das galas da composição, seria intoleravel num concerto como o de hontem.

«Alexandre Levy tratou o thema com uma exuberancia extraordinaria. Modelou-o até á saciedade, contrapontou-o complicadamente, deu-lhe uma instrumentação vigorosa, scintillante, tomando por modelo as formas do grande Massenet, e com isto fez não um numero de SUITE, mas uma phantasia que talvez peque por prodigalidade.

Oscar Guanabara, critico muito conhecido pelo franqueza com que costuma emitir as suas opiniões, assim se manifestou pelas columnas d'O Paiz:

«O auctor serve-se de cantos populares, seguindo o exemplo de Massenet nas suas diversas SCENAS: harmonisa-os com grande distincção e instrumenta-os com tanta propriedade, que o trabalho apresentado pode ser assignado por qualquer mestre de renome europeu.

«A maior difficuldade foi animar os rythmos das canções e quebrar-lhes a monotonia das toadas; mas o artista venceu tudo com o seu raro talento, fina concepção, e uma factura que deixa em relevo o genio distincto que preside as suas obras.

«Infelizmente, o regente Carlos de Mesquita não comprehendeu esta producção musical e imprimiu-lhe character

frio e pouco nervoso em desaccôrdo com a idéa tanto do compositor como do auctor do trecho que o inspirou».

Como vêem, Guanabarino exalta a produção de Levy, mas investe contra Mesquita, por haver este, em sua opinião, sacrificado a interpretação que lhe fôra confiada.

Valentim Magalhães, porém, enviou ao ESTADO DE SÃO PAULO a seguinte correspondencia do Rio, publicada a 1 de Agosto, na qual tece os maiores elogios ao auctor do SAMBA e defende o organisador dos concertos populares:

«Envio os meus parabens ao joven compositor paulista Alexandre Levy pelo seu SAMBA, tocado em primeira audição ha dias, nos CONCERTOS POPULARES.

«Lá fui ouvir-o e desejo que o seu autor fique sabendo que fui eu que PUCHEI pelos pedidos de bis, que fui dos que mais maltrataram as mãos, dando-lhe palmas.

«O SAMBA é uma composição lindissima, reveladora não só de uma largça e poderosa inspiração, como de uma competencia profissional de primeira ordem.

«Deliciou-me. O que nella, talvez mais do que tudo, me admirou foi a habilidade delicadissima com que nessa composição fundiu o maestro os dois elementos ethnicos da musica brasileira—o africano e o mestiço, o JONGO e o FADINHO, a toada monódica e banzeira do URUCUNGO e da PUITA, o resoar constante no acampamento, e o saracotear lascivo e traveso do CATRETTÉ, no xangarrear das violas, amolentando-se a espaços nas denguinces e quebros do lundú. Um primor de expressão, de movimento e de vida, de originalidade na composição geral, (comquanto nella entrassem motivos populares) e na instrumentação, que é de mestre. Quanto á execução que lhe deu a orchestra sob a batuta de Carlos de Mesquita, posso repetir, porque a ouvi duas vezes, o que tão criteriosamente lhes disse hontem o FILINDAL (*) na HISTORIA DOS SETE DIAS:

«Quanto á apreciação que o Guanabarino fez da execução de Carlos Mesquita não lhe dêem credito. O Guanabarino é um ferocissimo inimigo do talentoso maestro fluminense.

«E bem se comprehende que, se o SAMBA fosse assim tão mal executado, não poderia agradar como agradeu ao auditorio dos concertos populares,—porque o publico do Rio presa-se e pode-se presar de entendedor de musica».

Eis como Valentim Magalhães termina a sua chronica:

«No proximo Doming, attendendo ao pedido de muitos frequentadores de seus concertos, fará Mesquita repetir o SAMBA e eu lá estarei para babar-me de gosto ouvindo-o».

A GAZETA DE NOTICIAS, depois de algumas notas sobre Alexandre, publicou a seguinte apreciação sobre o SAMBA:

«O SAMBA é a reprodução viva e fiel da característica dança dos pretos do interior de S. Paulo, nas festas que já

(*) Filinto de Almeida.

hoje vão desapparecendo, e que Julio Ribeiro descreveu com mão de mestre, danças que tiveram origem nas congadas ainda em pleno desenvolvimento de ha trinta annos, e cuja rudeza primitiva de instrumentos e canticos selvagens, asperos e imponentes, foi se modificando para receber, pela intervenção dos cabrões e dos mulatos, a deçura plangente característica da nossa musica pestoril.

«Alexandre Levy instrumentou com grande proficiencia esses rythms guardados pela tradição, e com motivos populares entremeiou a esperteza dos tambaques e dos adufes. O publico applaudiu phreneticamente a peça, que foi bisada».

Alexandre Levy deixou ainda o ALL-GRO APPASSIONATO, inspirado por uma paixão que lhe escaudou o peito; as SCHUMANNIANAS, delicadas paginas de musica romantica, primorosamente escriptas para piano e vasadas no estylo do mestre de Zwickau; as VARIAÇÕES SOBRE O BITÚ, a que já alludimos e outras composições de fino quilate.

As VARIAÇÕES SOBRE O BITÚ, em numero de 16, por si fariam a reputação do auctor, se outras produções não viessem augmentar a sua nomeada. O conhecido thema popular, tão simples e tão infantil, foi desenvolvido por Alexandre com as tintas mais ricas de sua palheta musical, com as mais finas nuances da sua concepção artistica. Ha nas VARIAÇÕES contrastes vivos e curiosos, como, por exemplo, o que se nota na passagem da variação n. 8, ALLEGRO (IN GUIZA DE SCHERZO) para a de n. 9, LENTO (ÁLLA FUNEBRE). As riquezas harmonicas surgem em profusão, lembrando a forma de Schumann, de cujo estylo Alexandre se approximou.

O BITÚ transformado e vestido com as pompas que lhe emprestou Alexandre deixa de ser a musica enfadonha que as crianças batucam horas e horas sobre miseros e indefesos pianos, para assumir um character aristocratico, capaz de competir, senão pela originalidade, ao menos pela fórma, com as composições dos grandes mestres da musica.

Alexandre foi tambem um bom critico musical. A's chronicas por elle publicadas nos principaes diarios paulistas da sua épcha, consagraremos um capitulo especial, no qual procuraremos estudar essa outra interessante face do seu bellissimo talento.

* *

Pois bem, senhores. Um artista de tamanho envergadura, um musico tão notavel, que mereceu a consagração dos mestres mais competentes, não teve em S. Paulo sinão a homenagem da familia, gravada no marmore que se levanta sobre o seu tumulo, na necropole da Consolação. A nossa capital, que se vangloria de ser um centro musical adeantado, onde se executam as melhores produções musicas, não tem sabido pagar o seu tributo ao compositor paulista.

O insigne homem de letras Dr. Oliveira Lima, nosso illustre consocio, apresentou ao Congresso Internacional de Musica, reunido em Vienna para commemorar o centenario de Haydn, um interessante trabalho sobre a musica no Brasil, encarada sob o aspecto historico.

Depois de remontar ao periodo colonial, para mostrar a origem da musica em nosso paiz e salientar a preponderancia que sobre ella exerceram as cantigas portuguezas transplantadas de além-mar no seculo XV, e de alludir á fusão resultante desse elemento com os monotonos motivos africanos, o Dr. Oliveira Lima entrou na phase propriamente dita da nossa formação musical, iniciada por José Mauricio, que viveu de 1767 a 1830. A segunda phase foi contemporanea da independencia e póde ser denominada patriotica. Seu corypheu, Francisco Manoel da Silva (1795—1865) foi o fundador do Conservatorio de Musica do Rio de Janeiro, estabelecimento que teve como discipulo Carlos Gomes, que, diz o conferencista, genialmente encarnou a nossa musica romantica e mereceu a consagração de Verdi e outros mestres da Italia, onde primeiro foram cantadas as suas operas principaes. A vivacidade e o frescor de seu estro, affirma ainda o Dr. Oliveira de Lima, correm parellas com a riqueza e variedade de seus recursos, abundando suas operas em symphonias poderosas como a *protophonia* do GUARANY e em trechos tocantes como os canticos nostalgicos de *Ilara*, no *ESCRAVO*. Observam-se em todas as suas composições um calor communicativo e uma exuberancia de motivos, que só podem ser dons de um talento musical absolutamente de primeira ordem; mas, ao mesmo tempo, se nota um sentimento local repousando sobre uma certa e indiscutivel personalidade, que torna o artista particularmente querido de seus compatriotas.

Mostra depois o Dr. Oliveira Lima a influencia exercida pela reforma wagneriana sobre os modernos compositores brasileiros, referendo-se a Leopoldo Miguez, fallecido em 1902 e que representa a nova escola, a qual vae de Alberto Nepomuceno a Henrique Oswald e de Francisco Braga a Meneleu Campos.

Embora vejamos no trabalho do Dr. Oliveira Lima um bello estudo synthetico da musica no Brasil, não podemos, todavia, deixar passar sem o nosso modesto reparo uma lacuna que nelle se observa. Falando com tamanha proficiencia sobre a origem e desenvolvimento da musica brasileira, o Dr. Oliveira Lima esqueceu-se de citar o nome de um musico paulista ao qual, de justiça, devia dar um lugar de honra na galeria dos vultos proeminentes da arte nacional. Alexandre Levy, o delicado cantor das *SCHUMANNIANAS*, deixou obras de subido valor, quer quanto á forma, quer ainda quanto á frescura e espontaneidade de seus motivos.

Mas a culpa de tal omissão não cabe ao Dr. Oliveira

Lima. Fossem todos inspirados pelos mesmos sentimentos patrioticos e o mesmo criterio que impelleram o illustre diplomata brasileiro a tão nobre emprehendimento, e a arte nacional não andaria como andrajosa mendiga a espreitar timidamente os passos gigantescos da arte eropea.

De quem, então, a culpa? Dos brasileiros, que não sabem dar o devido apreço aos seus artistas e deixam que os seus nomes se esqueçam. Si tiveramos o habito de reviver a memoria dos nossos musicos notaveis através de suas obras mais apreciaveis, o insigne historiador facilmente haveria encontrado dados sobre Alexandre Levy, como os encontrou sobre os outros vultos citados em sua conferencia.

E' preciso que cuidemos de reviver os traços da individualidade artistica de Alexandre Levy, fazendo executar as suas composições perante o publico.

As obras musicaes não são como os monumentos de arte gothica, que vivem na eterna mudez das linhas architectonicas, nem como os quadros celebres que se ostentam nas galerias dos museus, nem ainda como as estrophes dos poetas que scintillam e renascem nas paginas dos livros, A musica é a arte dos sons e só através dos sons pode ser comprehendida e lembrada aos posteros.

Não pedimos uma estatua para Alexandre Levy. Essa compete a Carlos Gomes, o artista maximo que interpretou nas paginas do GUARANY as vibrações ardentes da alma nacional. Quereríamos apenas que as suas produções figurassem mais frequentemente em nossos concertos e que o seu nome fosse ligado a uma das ruas da capital.

Quando morre um artista notavel na França, um poeta ou um pintor, um musico ou um esculptor, um dos primeiros cuidados das municipalidades é dar o seu nome a uma via publica.

Em S. Paulo vemos placas com o nome de todo o mundo, muitas das nossas praças são consagradas a ridiculas me-
dicocridades. Só não temos uma rua Alexandre Levy!

E' por isso que eu vos dizia, ao traçar o exordio deste desprezencioso trabalho, que não sabemos prestar a homenagem devida aos nossos homens.

Mandamos gravar sobre os muros da cidade o nome de apagados figurões que se não assignalaram por um unico acto merecedor da nossa homenagem e da nossa gratidão e deixamos criminosamente esquecidos entre a ignara multidão dos nullos os vultos notaveis da nossa galeria intellectual! Consagramos a obscuridade e o charlatanismo e olvidamos os homens que mais têm sabido honrar a Patria e constituem o maior galardão da nossa nacionalidade—aqueles que, pelo influxo do seu engenho e da sua actividade, hão contribuido para a perpetuação das gloriosas tradições da nobre raça dos Andradas e para o brilho e renome da abençoada terra paulista!

As *Notas Genealogicas*, a que este annuario ora dá publicidade, foram escriptas por Lafayette de Toledo, no anno de 1896, como resposta a um pedido de informações a elle dirigido por um dos membros da commissão nomeada para reeditar a *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques.

Offerecem ellas innegavel interesse e tanto bastaria para determinar sua inserção nesta *Revista*, se a publicação tambem não se explicasse como justificado preito de saudades ao illustre consocio falecido em 29 de março de 1907 e autor das importantes memorias, *A Imprensa Paulista* e *Diccionario Topographico da Comarca de Casa Branca*, estampadas, respectivamente, nos tomos III e XII deste annuario.

NOTAS GENEALOGICAS

Tendo o *Instituto Historico Paulista* resolvido mandar reimprimir (1) a *Nobiliarchia Paulistana* de PEDRO TAQUES, completando-a com os dados genealogicos até nossos dias, fui incumbido de ministrar-lhe informações a respeito do ramo da familia *Toledo Piza*, a que pertenco. Procurei, quanto possível, colhêr notas em diversas localidades de Minas. Infelizmente, porém, de pouco me serviram e tive de utilizar-me quasi unicamente dos apontamentos de familia. Não pude bem elucidar porque meu avô Floriano de Toledo Piza não usava do sobrenome paterno. Antigamente os filhos tiravam indistinctamente ou o sobrenome do pae ou o da mãe. E disso vemos exemplos repetidos na mencionada obra de PEDRO TAQUES. Razão haveria para Floriano adoptar aquelle appellido: e outra não pôde ser sinão a da origem materna. Nesta familia encontro uma coincidência: Antonio João de Toledo, filho de Floriano de Toledo Piza e Antonia de Medeiros Cabral, falecido em Mogy das Cruzes a 20 de abril de 1742, foi casado com Angela Maria de Jesus, filha do capitão Marcelino Carreira de Moraes e de sua mulher Maria Rodrigues Fróes e por ella neta do coronel Pedro Rodrigues Fróes e Isabel Barbosa de Moraes. E Floriano de Toledo Piza, filho de José Antonio de Souza Sudré, casou com Maria José da Cunha Fróes, filha de Manuel José da Cunha e Helena Rodrigues Fróes, da mesma familia daquela (*).

José Antonio de Souza Sudré

Era natural de Pitanguy, onde faleceu. Ignoro o nome de seu pae; é certo, porém, que pertencia á numerosa familia Faria—Sodré, de que faz menção PEDRO TAQUES, na sua *Nobiliarchia Paulistana* e GOMES DA SILVA, nos

(1) O Instituto Historico de S. Paulo em sua sessão de 13 de maio de 1896 deliberou, na verdade, mandar reimprimir a *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques, e nomeou uma commissão de socios (para llevar a effecto seu intento, mas este não teve execução.

N. da R.

(*) Pertencem a esta familia o tenente-coronel Antonio Pedro Rodrigues Fróes, de Arassuagy; Antonio Rodrigues Fróes, de Parahyba do Sul; Pedro Rodrigues Fróes, casado com Eugenia Alvim da Gama Mello Fróes, José Pedro Rodrigues Fróes, Salvador Rodrigues Fróes, filho do primeiro, e outros.

N. do A.

Apontamentos historicos de Pitanguy publicados na *Gazeta de Uberaba*. Um seu parente proximo, Miguel de Faria Leite, (*) foi eleito juiz ordinario daquela cidade, em 1720, e outro, Miguel de Faria Sudré mereceu especial referencia de PEDRO TAQUES naquella sua importantissima obra (*Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo XXXV, 1872, parte 1.ª, pag. 272.) Por sua mulher era membro da familia *Toledo Piza*, razão por que alguns de seus filhos não tiraram o sobrenome patronymico. De seu casamento com Anna Isabel de Faria Leite, sua parenta, natural de Pitanguy, houve os seguintes filhos:

1. Leonel de Souza Sudré,
2. Antonio Carlos de Souza Sudré,
3. Anna de Souza Toledo.
4. Francisca Delfina de Souza,
5. Jacintha Sudré,
6. Maria Sudré,
7. Floriano de Toledo Piza.

1. Leonel de Souza Sudré, nascido em Pitanguy, em maio do 1782, faleceu a 3 de julho de 1866. Foi casado com Joanna Pereira Guimarães, irmã do vigario daquella parochia, conego Vicente Ferreira Guimarães. Não deixou filhos, senão um natural, Felicio Alves Corgozinho, que casou-se e deixou quatro filhas: Beralda, Jacintha, Antonia e Maria. A esta familia pertencem o padre José Fernandes Corgozinho, José Julio Alves Corgozinho e outros. Leonel Sudré possuiu, por compra, uma casa que pertencêra ao padre Caetano de Proença, primeiro vigario de Pitanguy e sita á rua da Paciencia dessa cidade.

2. Antonio Carlos de Souza Sudré, constituiu familia em Patrocínio.

3. Anna de Souza Toledo, bem como suas irmãs, casou-se, e todas deixaram familia, cujos ramos se acham em Pitanguy, Bagagem, Diamantina, Cajarú, Paracatú e outros logares de Minas.

7. Floriano de Toledo Piza, nasceu na cidade de Pitanguy, Minas Geraes, em 1777, e faleceu na do Araxá, a 25 de maio de 1855. Casou-se, em 1803, em Paracatú, com Maria José da Cunha Fróes, filha de Manuel José da Cunha (portuguez) e Helena Rodrigues Fróes e neta de Salvador

(*) Um Miguel de Faria Leite, parente proximo de Anna Yzabel, deixou os seguintes filhos:

- 1 — Raphael de Faria Leite
- 2 — Cypriano de Faria Leite
- 3 — Gabriel de Faria Leite
- 4 — Miguel Leite de Faria, que residiu em Paracatú, e assignou o termo de juramento ao projecto de constituição, a 23 de maio de 1824, como se vê na *Revista do Archivo Mineiro*, II, pag. 384.
- 5 — José Antonio de Faria Leite, advogado em Patrocínio, onde casou-se e deixou os seguintes filhos: José Antonio, Jeronymo, José, Maria, Alexandrina e Perpetua.

Rodrigues Fróes e Maria Pedrosa naturaes de Santos. Por parte de sua mulher, falecida no Araxá em 1869 e nascida em Paracatú, em 1789, era parente do guarda-mór José Rodrigues Fróes, que descobrira as minas de ouro dessa localidade ultima e as manifestára, em 1744, ao governador Gomes Freire de Andrada. Proximo a Paracatú existe uma localidade, o *Guarda-mór*, que perpetua o nome daquelle explorador paulista. Floriano residiu na fazenda *Bibóca* muitos annos e dahi transferiu-se para o Araxá, onde se foi reunir a seus filhos. Era lavrador e muito considerado e respeitado pelo genio em extremo pacifico e tolerante de que era dotado. Exerceu diversos cargos publicos, inclusive o de capitão das milicias. Deixou os seguintes filhos:

- 2—1. Luiza de Toledo.
- 2—2. Jacintha de Toledo Baptista,
- 2—3. Francisca Tertuliana de Toledo Coutinho,
- 2—4. Pedro Afonso de Toledo,
- 2—5. Anna Jacintha de Toledo.
- 2—6. Antonio Augusto de Toledo.

2—1. Luiza de Toledo, natural de Paracatú, como todos os seus irmãos, e ahi casada e falecida de xou tres filhas:

- 3—1. Idalina
- 3—2. Alipia
- 3—3. Adelaide

2—2. Jacintha de Toledo Baptista, casada com Francisco Baptista Roquette Franco, reside na Bagagem. Tem este casal diversos filhos, conheço, porém, apenas um:

4—1. Horacio Augusto Baptista, tenente da guarda nacional, lavrador na Bagagem, casado com Leocadia Tormin, filha do holandez George Tormin. Dispõe de sólida e variada instrucção. Tem numerosa descendencia.

2—3. Francisca Tertuliana de Toledo Coutinho, nasceu em 1825, e foi casada em primeiras nupcias com o tenente Vicente Augusto de Pinho, falecido em Valença (estado do Rio de Janeiro) e depois com o tenente-coronel Antonio José Coutinho, natural de São José do Chopotó e falecido no Tabeleiro do Pomba em 1878. Faleceu a 19 de julho de 1892, deixando de seu primeiro consorcio dois filhos:

5—1. Alfredo Gustavo de Pinho, formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nascido em Araxá e falecido em Santa Luzia do Carangola em 1885. Foi casado com Amelia de Pinho e deixou descendentes.

5—2. Josefina de Toledo Sampaio, nascida em Goyaz e falecida na cidade do Pomba. Foi casada com o dr. José Antonio de Sampaio, juiz de direito e desembargador honorario, residente em Itabira do Campo, e desse consorcio ficaram tres filhos:

6—1. *Alfredo Osorio de Sampaio*, casado, residente em Itabira, com seu pae.

6—2. *Maria*, casada com José...

6—3. *João de Deus Sampaio*, bacharel em direito pela Faculdade de S. Paulo, casado com Maria Angelica de Salles Sampaio, filha do dr. Joaquim Antonio Pinto Junior. E' natural do Pomba e reside em S. Paulo. Desempenhou diversas commissões e foi promotor publico de Campinas, juiz municipal de Caconde, delegado de policia de Dous Corregos.

2—4. *Pedro Affonso de Toledo*, tenente da Guarda Nacional, falecido no Araxá, onde era fazendeiro e tem descendentes legitimos.

2—5. *Anna Jacintha de Toledo*, professora publica em Conceição do Araxá.

2—6. *Antonio Augusto de Toledo*, nascido em Paracatú a 13 de Junho de 1832, e falecido a 4 de novembro de 1880, em Araxá. Em sua cidade natal estudou preparatorios, indo concluil-os em Valença, para onde fôra em companhia de sua irmã Francisca. Voltando ao Araxá, foi provido na cadeira de professor publico, leccionando preparatorios, principalmente Latim e Francez, em casas particulares. Tendo sido nomeado collecter das rendas publicas, abandonou o magisterio, e foi successivamente commerciante, agente do correio, vereador da Camara Municipal e alferes e capitão da Guarda Nacional, sendo-lhe conferido este ultimo posto por decreto imperial de 14 de março de 1868. Occupou gráu elevado na maçonaria, concorrendo para a fundação da primeira loja que se estabeleceu no Araxá e da qual foi secretario. Era, além de um espirito adeantado e esclarecido, optimo musico, executando com maestria varios instrumentos e conhecendo a fundo a arte. Casou, a 28 de maio de 1859, com Thomazia Augusta de Toledo (A), no Araxá, e desse consorcio houve os seguintes filhos, nascidos nessa localidade:

7—1. *Zulmira*.

7—2. *Octaviano de Toledo*.

7—3. *Lafayette de Toledo*.

7—4. *Albertina Octavia de Toledo Almeida*.

7—5. *João Augusto de Toledo*.

7—1. *Zulmira*, nascida a 27 de junho de 1862, faleceu a 29 de outubro de 1863.

7—2. *Octaviano de Toledo*, nascido a 20 de dezembro de 1863, faleceu a 23 de setembro de 1894, em Conceição do Araxá, no estado de solteiro.

A *Gazeta de Uberaba*, em seu numero de 25 de outubro, escreveu a seu respeito:

« OCTAVIANO DE TOLEDO. — O honrado e conhecido nome que epigrapha esta noticia despretenciosa prende-se

ainda á nova geração dos homens de talento que abrilhantam a literatura de Minas Geraes. A mysteriosa mão do fado separou-o de entre os vivos para o sarcophago dos homens illustres. Agora, na verdadeira idade em que a razão escreve reflectidamente, que fala com acerto e observa com paciencia, é que a morte fêl-o transportar ás regiões invisiveis da natureza, onde o seu espirito lucido, por certo, irá fulgurar com mais brilhantismo. Moço, muito moço ainda, pois apenas contava 30 dezembros, deixou em cada coração amigo uma saudade, em cada admirador uma grata recordação, pelas finissimas qualidades que tinha, pelo character elevado e distincto que o ornava, pelas idéas que defendia com ardor e a pericia com que captivava as mais preciosas sympathias. Colaborador assiduo que foi desta folha, onde assignalou sempre com criterio uma orientação aproveitavel em pról das causas que sabia defender, soube conquistar um nome modesto com a sua penna mimosa num estylo admiravel. Varios jornaes do Estado souberam tambem aproveitar as fagulhas de sua cultivada intelligencia, publicando seus trabalhos, que revelam sempre um estudo perfeito, uma escola original. Era membro do *Instituto Historico*, do Rio de Janeiro, quanto bastou para distinguil-o na sociedade. Pertencente a uma familia honesta e laboriosa, lega aos seus parentes um nome digno, cheio de virtudes, aureolado de patriotismo.»

E a *Gazetinha*, da mesma cidade:

« OCTAVIANO DE TOLEDO. — Morreu esse distinctissimo moço, parente do nosso chefe de redacção (José Augusto de Paiva Teixeira). Era um escriptor novel e de muita nomeada, sendo já membro do Instituto Historico. Nos seus poucos annos de vida auxiliou sempre a imprensa com o concurso de seu grande talento. Paz á sua alma arcan-gelica. »

7—3. *Lafayette de Toledo*, nascido a 12 de novembro de 1865, casado a primeira vez com Maria Farani de Toledo (B), a 19 de fevereiro de 1887, e a segunda com Umbelina Xavier de Toledo (C), a 26 de setembro de 1896. Sua biographia foi estampada na revista lisbonense *A M-drugada* e no *Almanach das Senhoras*, de Lisboa, 1896 pag. 297.

E' membro do *Instituto Historico Brasileiro*, do *Instituto Historico Paulista*, correspondente do *Archivo Publico Mineiro* e tem exercido diversos cargos, em Casa Branca, como os de vereador, intendente municipal, presidente da Camara, promotor publico, deputado ao congresso republicano do 7.º districto pelo municipio de Espirito Santo do Pinhal, membro do conselho de instrucção publica, delegado de policia, membro da commissão da grande exposição continental (1891), da commissão revisora do *Codigo de Posturas*, da reorganizadora da *Bibliotheca Municipal*, da censitaria municipal (1890), curador geral dos orphams, etc,